

**Arte, Ambiente e Cidade:
releituras e derivas sobre a paisagem”.**

Paisagens (in)visíveis – A Terceira Margem

Autor: Dr. Fabrício Fernandino – Professor Adjunto da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – Brasil
fabricao@eba.ufmg.br

Resumo:

Como fio condutor para essa conferência, eu busquei por Guimarães Rosa¹, justo por ser uma referência na literatura contemporânea brasileira que muito me emociona. Os contos e romances escritos por Guimarães Rosa ambientam-se quase todos no chamado sertão brasileiro. E dentro desse universo literário tão peculiar, rico em brasilidades, ter minha fala conduzida pelo seu conto *A Terceira Margem do Rio*, traduz meu desejo de trilhar de uma maneira poética e sensível à arte e suas relações com o ambiente e a cidade.

A ideia afinal é a mesma, um olhar poético em outra margem, que torna possível perceber o mundo de maneira diferenciada. O eixo conceitual será aquele que está presente na terceira margem (o artista, o poeta em seu distanciamento) e a partir dessa metáfora, apresentarei exemplos reais de atividades que foram transformadoras tendo a arte como base – a natureza (INHOTIM), a comunidade (Bichinhos), a cidade (Circuito Cultural Liberdade), e os valores humanos (o artista e ambientalista Frans Krajcberg).

Paisagens (in)visíveis – A Terceira Margem

Ao eleger como ponto de partida o conto do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, *A Terceira Margem do Rio*, com sua concepção poética, que nos apresenta outro sentimento de mundo, estabeleço um fio condutor para uma abordagem sensível do papel transformador da arte frente à natureza, à cidade, à comunidade e aos valores humanos.

¹ Guimarães Rosa (João G. R.), contista, romancista médico e diplomata. Nasceu em Cordisburgo, MG em 27 de junho de 1908, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de novembro de 1967.

Falar da arte é falar da vida. Fazer arte é viver duas ou mais vezes, porque a arte também nos permite mergulhar nas profundezas da alma e nas delicadezas da razão, como cita Guimarães Rosa.

Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens.

*A Terceira Margem do Rio*²

Era um homem cumpridor, ordeiro, positivo, nem mais triste do que os outros. Só quieto. Três filhos e uma esposa, essa que regia a tudo e cuidava do dia a dia.

Uma família, uma cidade, um rio.

Em determinado momento esse homem mandou fazer para si uma canoa. Esse homem, esse pai, nada dizia, nada revelava. Sua casa era próxima do rio. Um rio que ia se estendendo grande, fundo e silencioso. Era largo, de não se poder ver a forma da outra beira.

Certo dia a canoa ficou pronta. Sem alegria, nem cuidado, colocou o chapéu e decidiu dar um adeus. Esse homem entrou na canoa, a desamarrou, começou a remar. Esse homem não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só resolveu permanecer ali, no meio do rio, sempre dentro da canoa, para dela não sair, nunca mais.

Uma estranheza que assustava toda gente.

Ele cursava no rio, solto solitariamente.

Transformou, com seu remar silencioso, uma comunidade, uma família e um filho que ficou.

E nesse estado de distanciamento do mundo promoveu uma nova reflexão sobre o curso da vida, o viver e o sentir.

Esse conto, em sua síntese, trata do poder transformador daqueles, que diferentemente do comum, buscam um novo olhar sobre a vida e sobre o viver. São aqueles que buscam numa outra margem uma maneira diferenciada de existir. Esse conto, o utilizo como uma metáfora sobre o poder transformador de muitos que, aliados a coragem e a ação criadora transformam todo seu entorno e a vida vivida.

² ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do rio". In: _____. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

A arte é assim, tem por característica sensibilizar, falar por outros mecanismos, para finalmente promover outro estado de ser.

Sem artistas não há arte, sem arte não há vida – a partir dessa premissa é que direciono minhas palavras para os artistas, para os poetas e para aqueles que têm a coragem de transformar pela sensibilidade sua vida e de muitos que o rodeiam. Ao realizar essa conferência em um encontro que tem a abordagem na arte, no ambiente e na cidade com reverberações sobre a paisagem, proponho relatar quatro experiências, por mim vivenciadas, que representam de maneira inequívoca toda uma ação e um desejo de transformar e promover o desenvolvimento humano através da arte. São as paisagens invisíveis, num primeiro momento e de grande visibilidade nos seus resultados. Pois antes de tudo são desencadeadoras de profundas transformações no processo de conhecimento, entendimento da vida e sentimento do mundo para milhares de pessoas.

A arte e a paisagem

Instituto Cultural INHOTIM



Vista aérea do núcleo central de Inhotim – Foto Divulgação

O Instituto INHOTIM começou a ser idealizado pelo empresário de Minas Gerais, Bernardo de Mello Paz a partir de meados da década de 1980. Era sua

propriedade privada e que com o tempo se transformou. Tornou-se um espaço público, o instituto cultural INHOTIM, um lugar singular, com um dos mais relevantes acervos de arte contemporânea do mundo e uma coleção botânica que reúne espécies raras e de todos os continentes. Seus acervos são mobilizados para o desenvolvimento de atividades educativas e sociais para públicos de faixas etárias distintas.

Todo o conceito que fundamenta a criação de INHOTIM é o papel transformador da arte. A constituição de seu acervo está direcionada para a arte do presente, uma vez que esta está mais próxima de nossa realidade e de nosso tempo. Ali se reúne sistematicamente coleções dos mais representativos artistas da atualidade. É uma arte viva, muitas vezes realizada *in loco* ou que se mantém dinâmicas, interativas com o público em um processo criativo continuado. É com essa premissa que, esta coleção está sendo constituída como referência de arte contemporânea. Para abrigar tal coleção são disponibilizadas para os artistas mais representativos, galerias especialmente construídas. Estas são projetadas por renomados arquitetos, o que torna INHOTIM também uma referência na arquitetura museal contemporânea.

Envolvendo todo esse ambiente de arte e arquitetura, existe uma natureza exuberante e um jardim botânico de beleza incomum. Com suas coleções botânicas, Inhotim passa a ser um espaço onde se preserva e cultiva espécimes raros, exóticos ou nativos de diferentes regiões do planeta, o que constitui uma rara obra de arte da natureza e do homem. Bernardo Paz cita, há “algum tempo coleciono obras de artes e crio espaço para os artistas, mas a minha grande obra é essa obra viva, esta nessa natureza incomum, um jardim de raridades”.

A arte e a natureza – Inhotim é uma paisagem construída para aportar iniciativas mais ambiciosas direcionadas para a transformação de uma sociedade e para a formação humana. São as bases para uma ação de efetiva responsabilidade social de um museu.

Desde a sua inauguração em 2006, Inhotim registrou a marca de dois milhões de visitantes em agosto de 2015, oriundos dos mais diversos lugares e realidades. Esse sucesso de público tornou Inhotim uma referência internacional. Não obstante a todo esse reconhecimento, lá são desenvolvidos programas para formação de jovens e adultos onde a arte e a natureza é o direcionamento principal. Existe um elenco de programas para valorização da cultura local, promoção e inclusão social envolvendo

toda a comunidade da cidade de Brumadinho, o que o caracteriza como um projeto afinado com seu tempo e compromissado com a sociedade.



Galeria True Rouge – Tunga - Foto divulgação

Arte e a cidade

Liberdade – Circuito Cultural



Vista aérea panorâmica – Circuito Cultural Praça das liberdade- Foto Divuçaol

Implantado pelo Governo de Minas, por meio da Secretaria de Estado de Cultura, o Circuito Cultural Praça da Liberdade oferece à população cultura, arte e educação, tecnologia, conhecimento e cidadania.

Desenvolvido em parceria com a iniciativa privada e com entidades públicas, o Circuito Cultural Praça da Liberdade é um conjunto de equipamentos culturais, museus e demais espaços conectados em rede, que revelam uma pluralidade de manifestações artísticas e culturais.

Os antigos prédios públicos estão sendo transformados em espaços interativos, que buscam espelhar a diversidade, no maior conjunto integrado de cultura do Brasil com: acervos históricos, artísticos e temáticos; centros culturais interativos; biblioteca e espaços para oficinas, cursos e ateliês abertos; além do planetário, cafeterias, restaurantes e lojas.

O Circuito, inaugurado em 2010, consagra-se como o maior conjunto integrado de cultura do país. O conjunto reúne doze museus e espaços culturais já em funcionamento na região central de Belo Horizonte, sendo estes:

Arquivo Público Mineiro.

Ícone de Minas Gerais, o Arquivo Público Mineiro é a instituição cultural mais antiga do Estado. Reconhecido por seu trabalho de recolhimento, guarda, gestão, preservação e acesso a documentos privados de interesse público e ao acervo arquivístico da Administração Pública Estadual. Além disso, possui também uma biblioteca especializada em história de Minas Gerais e arquivologia, reunindo aproximadamente 10.500 títulos, dos quais 2.500 são considerados obras raras e preciosas: Um dos maiores e provavelmente o principal acervo dos séculos XVIII e XIX no Brasil.

Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Criada em 1954 pelo então governador Juscelino Kubitschek e projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, recebe quase 400 mil pessoas por ano e possui mais de 250 mil exemplares entre livros, revistas e jornais. Espaço democrático que propicia o livre acesso à leitura informativa e literária.

Casa Fiat de Cultura.

Com um público de 450 mil visitantes ao longo dos cinco anos de funcionamento, a casa tem suas portas abertas as mais expressivas manifestações culturais, promovendo integração sociocultural por meio da arte.

Centro de Arte Popular – CEMIG.

Exibe ao público a riqueza da cultura do povo de Minas, por meio de documentários, fotos, pinturas, tecelagens, cerâmicas e obras em madeira e metal, oferecendo ao visitante uma vivência de várias regiões do Estado.

Centro Cultural Banco do Brasil.

Instalado num prédio de 1926, o CCBB – BH promove atividades nas áreas de artes plásticas, artes cênicas, música e programas educativos. Com instalações confortáveis, programação regular e diversificada, o Centro Cultural conta com áreas para exposições temporárias; teatro; salas multiuso, além de aconchegantes ambientes de convivência, lazer, alimentação e loja para comercialização de produtos culturais.

Centro de Formação Artística – CEFAR Liberdade.

O CEFAR Liberdade é uma extensão do Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado. Esta escola que tem como foco de atuação a capacitação, a qualificação e o aperfeiçoamento de estudantes de música, além de incentivar a criação, a experimentação, a reflexão e o debate artístico. Pequenas apresentações são feitas no CEFAR Liberdade, mas a ideia é que todos os espaços do Circuito Cultural da Praça da Liberdade abriguem esses eventos artísticos.

Espaço do Conhecimento UFMG

Inaugurado em março de 2010, é dedicado ao universo do conhecimento científico. Com suas exposições temáticas sobre a vida e o universo, o Espaço do Conhecimento ocupa um prédio de cinco andares, com ambientes interativos e lúdicos, entre eles o único planetário de Minas.

Horizonte Sebrae – Casa da Economia Criativa.

Ocupando uma antiga residência, o espaço resgata a cultura e a história da época em que foi construída (1910), oferecendo um recorte nas experiências e nos casos populares da época por meio da exibição de trechos de obras de autores contemporâneos, tais como Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos e Pedro Nava. Este é um lugar acolhedor que deixa o público à vontade para interagir e obter todas as informações sobre o empreendedorismo na economia criativa. Espaço propício para a geração de novas ideias, para a troca de experiências com objetivos de fomentar a economia criativa do estado.

Memorial Minas Gerais Vale.

Inaugurado em novembro de 2010, caracterizado como museu de experiência, o Memorial Minas Gerais Vale traz a alma e as tradições mineiras contadas de forma original e interativa. Cenários reais e virtuais se misturam para criar experiências e sensações que levamos visitantes do século XVIII ao século XXI.

MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal.

O imponente edifício do MM Gerdau – Museu das Minas e Metal, popularmente conhecido como *Prédio Rosa* da Praça da Liberdade, construído em 1895, hoje abriga um importante acervo de duas das principais atividades econômicas de Minas Gerais: a mineração e a metalurgia.

Museu Mineiro.

Com quase três mil objetos referentes aos aspectos da natureza, cultura e história de Minas Gerais, o museu tem como missão preservar, pesquisar e difundir os registros da cultura mineira.

Palácio da Liberdade.

Sede histórica do Governo do Estado, o Palácio da Liberdade é um dos principais cartões postais de Belo Horizonte. Palco de decisões políticas e sociais que marcaram a história do povo mineiro e brasileiro.

O Circuito Cultural da Praça da Liberdade é o resultado de uma ação conjunta governo, iniciativa privada e população que a partir do um entendimento, cooperação e vontade política transformaram de maneira surpreendente a paisagem cultural da Cidade. Hoje uma referência nacional, o Circuito oferece uma efervescente programação cultural e artística continuada de qualidade cuja fluência de público supera largamente outros espaços culturais e históricos da metrópole.



Centro Cultural Banco do Brasil - Foto divulgação

Arte e a sociedade

A transformação social pela arte



Oficina de Agosto – Fotografia Fabrício Fernandino

Na comunidade de Bichinho, um acolhedor vilarejo pertencente à cidade de Prados em Minas Gerais, formado no início do século XVIII, com a descoberta de ricas lavras de ouro se instala a *Oficina de Agosto*, no início dos anos 90. Este é um atelier de arte e artesanato comunitário que tem transformado a concepção artística e a economia de toda uma região. Com seu trabalho coletivo transforma vidas, fomenta o empreendedorismo e a criação de novos ateliers, que extrapola para outras comunidades do entorno a sua concepção de arte comunitária e exportam seus produtos para as principais metrópoles, colecionadores, decoradores e galerias brasileiras.

Criada há 20 anos, por iniciativa dos irmãos e parceiros Antônio Carlos Bech, o Toti, e Sonia Bech Vitalino, que trabalham juntos na ideia de recuperar o artesanato brasileiro e torná-lo um meio de subsistência das pessoas. Toti ao propor um trabalho comunitário através da Oficina de Agosto, tem movimentado toda a economia desta região e transformado a comunidade de Bichinho em uma referência na produção de uma arte e um artesanato requintado. Desde sempre preocupado com questões ecológicas, o artista passou a usar o material reciclável para a criação de objetos de

decoração. Consciente também dos problemas sociais, desenvolveu na própria comunidade com um grupo de artesãos a construção de objetos de arte idealizados por ele. Cada artesão aprendeu uma técnica e deu a cada obra um pouco de sua identidade. Desde então, os moradores locais, que só tinha como subsistência a agricultura e pecuária, viram suas vidas mudarem através da arte.

Com metodologias diferenciadas, o seu processo produtivo tornou-se uma ação incomum para o ato criativo. Todo o trabalho busca valorizar as expressões artesanais da diversidade cultural brasileira e mantém um compromisso com a sustentabilidade social e ambiental, ajudando a construir melhores condições de vida para as pessoas. A Oficina de Agosto vem promovendo o desenvolvimento sustentável e a inclusão social num lugar, antes muito carente de oportunidades de trabalho, que hoje prospera e principalmente é feliz.



Oficina de Agosto – Fotografia Fabrício Fernandino

Frans Krajcberg



Frans Krajcberg _Itabirito- Fotografia Fabrício Fernandino

Polonês de origem judaica, Frans Krajcberg hoje, é brasileiro de alma, cidadão do mundo e, tem uma trajetória singular, pela sua luta em defesa da vida através da arte.

Krajcberg nasceu em Kozienice, cidade do sudeste da Polônia, em 12 de abril de 1921. Criado em uma família de cinco filhos, dois irmãos e duas irmãs, é o terceiro mais velho. No início da Segunda Guerra Mundial vivia em Częstochowa. Por sua origem judaica, muitas foram às perseguições originárias do preconceito racial e do nazismo. Ele foi o único sobrevivente de uma família dizimada pelo Holocausto.

Frans Krajcberg veio para o Brasil no período pós-guerra procurando esquecer a perseguição nazista, a iniquidade dos homens e toda a destruição que abateu sobre sua família e sobre seu país.

Escultor e artista plástico de renome internacional e que se declara ambientalista, iniciou seus estudos com um dos mestres da Bauhaus, Willi Baumeister.

Krajcberg destaca-se no cenário artístico internacional pelo seu trabalho escultórico, suas pinturas, gravuras, fotografias, vídeos e publicações, que atestam e denunciam os atentados contra o meio ambiente e o equilíbrio ecológico. Autodeclarado mais ambientalista que artista, tem uma vida voltada para a arte e a natureza. Suas obras e sua ação criadora são motivadas para a formação de uma consciência universal em favor da sustentabilidade e a preservação da vida no planeta. Atualmente, tem seu trabalho ligado às organizações internacionais que objetivam a defesa da ecologia e do meio ambiente.

Paralelo às suas esculturas desenvolve um trabalho de fotografia de extrema sensibilidade a partir de um olhar preparado, poético e atento. Suas imagens comovem, mais que belas, são um documento da destruição.

Seus trabalhos são gritos de alerta e uma constante pesquisa das potencialidades expressivas da natureza. Em 1985, realiza um registro fotográfico de incêndios florestais, provocados pelos grandes proprietários de terras da região de Mato Grosso. A partir de então Krajcberg passa a denunciar esses crimes ambientais para o mundo. Essa atitude impetuosa lhe trás muitos problemas e ameaças constantes. No entanto, sua coragem é inabalável quando se trata da defesa da vida. Este é uma artista que não se furta ao seu compromisso de defender a vida. Sua arte é seu grito, é sua denúncia. Participa generosamente de palestras e fóruns voltados para a conscientização ambiental. E, por sua própria iniciativa, tem promovido encontros com outros artistas, para discutir uma consciência global sobre a urgência em preservar nossa casa, nosso único espaço possível de vida, a Terra.

Entretanto, para Krajcberg, a sombra da destruição está sempre em seu encaixo. A floresta arde consumida e retorcida pelo fogo, pela ganância e insensatez dos homens. Então, o seu trabalho se tornou denúncia e instrumento do grito, da dor e da revolta.

Hoje, Frans Krajcberg se declara mais um ambientalista do que um artista. Para ele é mais importante a militância em defesa do planeta e a formação de uma nova consciência do que ser um artista de renome internacional. Reconhecido mundialmente pela sua obra ligada às essas questões ambientais, mais que um instrumento de fruição estética, ela é um instrumento de denúncia e alerta.

Este é um breve relato de um homem, de um sobrevivente, para o qual lhe foi negado o direito de não lutar. A destruição o acompanha como uma sombra e como guerreiro assumiu a luta, corajoso em seu grito pela vida.

Mais do que uma evolução para a compreensão da natureza poética da terra, sua obra é uma revolução, um grito, um alerta, um apelo para a manutenção do equilíbrio e da sustentabilidade do planeta.

Por tudo isto, Krajcberg faz parte de um reduzido número de homens imprescindíveis para a evolução de um novo tempo e de uma nova consciência universal.

O trabalho de Krajcberg está representado nos principais museus e galerias internacionais. A partir dos anos 80, têm sido produzidas suas mostras de grande vulto, associadas a uma densa publicação bibliográfica, que tem documentado sua obra, cumprindo os objetivos da sensibilização humana nas principais capitais culturais do planeta.



Esculturas Frans Krajcberg – Fotos de divulgação

A Terceira Margem

Esses quatro casos que elegi para descrever são uma referência do poder transformador da arte, da cultura e do conhecimento quando catalisados por forças empreendedoras. São os catalisadores de processos, pessoas ou instituições, que em uma outra margem buscam o desenvolvimento de toda uma sociedade, promovem um ambiente vívido, alargam horizontes e recriam uma nova paisagem. Estes sim cumprem um papel transformador dentro de uma sociedade.

Pensemos então em nosso compromisso com a vida. Peguemos um barco, que seja uma canoinha de nada, e vamos ao centro do rio, nessa água que não para, de longas beiras: e, nós, rio abaixo, rio a fora, rio adentro — o rio.

Somos todos, o rio.

Bibliografia

FERNANDINO, Fabrício José. *Poesia das coisas naturais*. 1998. 313p. Dissertação de Mestrado - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

FERNANDINO, Fabrício José. (R) *Evolução Frans Krajcberg o poeta dos vestígios*. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 21, p.260- 277, 2014.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: _____. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

Sítios na Internet

<http://www.Inhotim.org.br>

<http://www.oficinadeagosto.com.br>

<http://www.circuitoculturalliberdade.com.br>